

ENTREVISTA COM LECI BORGES BARBISAN

Fragmentum: Vamos começar nossa conversa com suas informações biográficas. A senhora nasceu onde? Qual a origem de seus pais e o que eles faziam? Qual a importância deles para a sua formação?

Barbisan: Eu nasci em Passo Fundo, aqui no Rio Grande do Sul. Quanto à minha origem, o meu pai é de origem italiana e minha mãe, de origem alemã e portuguesa. E por que eu vim parar aqui, no curso de Letras? Não sei... (risos). Até hoje eu não sei. Eu só sei que a família da minha mãe teve uma grande influência na minha vida; todos eles, todas as minhas tias eram professoras, desde a minha avó. Então eu sabia que eu estava destinada a ser professora. Agora, o porquê de Letras eu não sei explicar, não sei por quê.

Fragmentum: Onde e como foi a sua formação escolar, o primário, o ginásio?

Barbisan: Eu estudei em Passo Fundo até o final do ensino médio, que naquele tempo chamava-se Científico. Eu estudei sempre lá, em escola pública, afora os três últimos anos do científico que eu fiz numa escola particular, mas também não paguei porque a minha mãe era professora lá. Então eu também não paguei. Eu nunca paguei estudo na minha vida. Depois disso, eu vim trabalhar, vim para Porto Alegre para fazer vestibular e fiz vestibular na UFRGS. Passei e fiz Letras, mas não sei por que Letras. Não sei, até hoje não sei explicar por quê.

Fragmentum: Do que a senhora mais recorda da universidade? E, de todos os professores do curso de graduação em Letras, qual foi o mais importante, qual o que mais marcou a sua vida universitária?

Barbisan: Na graduação? Ah, o francês. Eu estudei francês, italiano e espanhol na graduação. E lá tinha três línguas estrangeiras; hoje não tem mais. Mas, na graduação não. Isso até o Ensino Médio. Na graduação eu escolhi só o francês e, realmente, o que marcou muito a minha formação foi o francês. Nós tínhamos professores franceses que vinham da França, a UFRGS tinha um convênio. Os professores ficavam certo tempo, alguns anos aqui, depois iam embora. Vinham outros substituir aqueles. Então, eu tive sempre professores franceses, um ensino muito bom, e eu gostava muito de francês. Passei a ensinar francês depois que eu terminei a graduação. Trabalhei aqui e trabalhei na UFRGS com o francês.

Fragmentum: A senhora poderia falar um pouco dos seus mestres no tempo de estudante universitária? A senhora lembra-se de algum nome de algum professor que lhe marcou positivamente?

Barbisan: Eu sou professora de francês e citaria Monsieur Descourcelles, Monsieur Bénac e Monsieur Back, que era brasileiro, mas na verdade com toda uma formação francesa. Era médico com formação francesa. E quanto ao português, não tenho a mesma recordação, digamos, não era assim tão forte como era o francês.

Fragmentum: E qual a sua formação após a sua graduação? A decisão de fazer pós-graduação surgiu ao longo da graduação ou somente depois desse período?

Barbisan: Depois de formada, eu trabalhei durante muito tempo em duas escolas do Estado. No Julinho, Colégio Estadual Júlio de Castilhos, durante doze anos. Depois, eu trabalhei junto, às vezes ao mesmo tempo, no Inácio Montanha, que era uma escola localizada a duas quadras do Julinho. Nela, eu trabalhei durante bastante tempo, sete anos. Depois eu fui fazer uma especialização em Paris. Fiquei um ano e meio na especialização em Paris estudando sobre o ensino do francês. Bom, depois que eu voltei, o Irmão Adelino aqui da PUCRS me convidou para dar aula de português para estrangeiros, porque eu tinha ensinado francês para estrangeiros e eu tinha aprendido isso: como é que se ensina francês para estrangeiros, então ele achou que eu podia trabalhar. E tinha um método, um método áudio-visual. Nós trabalhamos durante bastante tempo com esse método aqui. Havia bastante professores e estrangeiros que precisavam aprender português. Somente depois de sete anos é que eu fui fazer uma especialização, quer dizer, depois da graduação eu tive bastante tempo de trabalho em sala de aula, mas com o ensino do francês.

Fragmentum: E a escolha pelo doutorado surgiu de que maneira? A senhora poderia falar um pouco da sua relação com a sua orientadora e de como surgiu a vontade, a oportunidade de trabalhar com a Louise Dabène?

Barbisan: Bom, antes de fazer doutorado, eu fiz mestrado, também na UFRGS, com o professor Albino de Bem Veiga. Trabalhei na área de Lexicografia, a minha dissertação foi nessa área do dicionário. Quando eu estava já terminando a dissertação, eu já estava na PUCRS. Depois de ter sido professora de língua estrangeira, eu passei do ensino de português como língua estrangeira para o ensino de francês aqui [PUCRS], e foi nesse momento que me deu vontade de fazer o mestrado. Eu fui para a UFRGS, fiz a dissertação

então na área da Lexicografia. Mas quando eu estava terminando a dissertação de mestrado, o Irmão Mainar Longhi, que era o diretor da Faculdade de Letras aqui da PUCRS, chamou-me e perguntou se eu gostaria de fazer o doutorado na França, porque a PUCRS me apoiaria. Eu tive um probleminha com a UFRGS, porque eu queria diminuir a minha carga horária de trabalho para poder terminar a dissertação, e a UFRGS não estava querendo me conceder. Ao diminuírem a minha carga horária, diminuiriam também o meu salário. A UFRGS achou que não valia a pena. Então, eu me demiti da UFRGS e fui para a França fazer doutorado com a professora Louise Dabène, em Grenoble. E como era minha relação com a professora Louise Dabène? Ela era excelente professora, dava muita atenção aos alunos. Só que em termos de orientação era diferente. Orientação na Europa é diferente daqui. Aqui a gente quase carrega o aluno no colo e quase faz a dissertação por ele. Lá, não. Eu tive três encontros durante todo o doutorado com ela e sempre, assim, interrompidos, porque ela era diretora do Centro, então a toda hora nós éramos interrompidas por telefone. Mas, fiz a dissertação e entreguei... Fui aprovada... Era uma relação muito boa, muito boa.... Ah, valia a pena. Foi um período muito, muito interessante, o do doutorado

Fragmentum: Na sua opinião, o desenvolvimento da pós-graduação foi por sua carreira de pesquisadora e por sua produção acadêmica como um todo?

Barbisan: Desde o mestrado? Bom, eu aprendi a pensar, aprendi a ler, aprendi uma série de coisas, mas em termos de conteúdo, não. Não, porque eu nunca trabalhei com Lexicografia aqui. E também nunca trabalhei com o ensino de língua estrangeira, que foi o tema do meu doutorado. Era ensino/aprendizagem do francês. Eu nunca trabalhei com isso aqui. Quando eu voltei, eu precisava de outras coisas na PUCRS. Eu fui para outras áreas. Então eu nunca tirei proveito direto do mestrado e do doutorado. Mas é evidente que eu conheci, aprendi um monte de coisas, que me foram necessárias depois.

Fragmentum: A senhora tem uma relação muito forte com a história dos estudos do discurso do Rio Grande do Sul...

Barbisan: Mais ou menos.

Fragmentum: Discurso em geral, não só Análise de Discurso, por meio do curso de Pós-Graduação aqui da PUCRS...

Barbisan: Ah, bom.

Fragmentum: A senhora poderia falar um pouco sobre essa história e sobre a sua relação com ela, já que a senhora é também a primeira professora a ministrar, aqui na PUCRS, a disciplina intitulada Análise de Discurso?

Barbisan: É, fui... Fui a primeira, a primeira e única, depois não houve mais outras.

Fragmentum: Como surgiu a oportunidade?

Barbisan: Quando a gente trabalha em uma instituição, a gente, de certo modo, tem que fazer aquilo de que a instituição precisa. A PUCRS precisava de várias coisas. Por exemplo, eu passei por várias áreas, entende? Desde a Sociolinguística, que foi a primeira; depois, a Análise da Conversação; e passei também pela Linguística do Texto, porque um colega, o professor Neis, foi para a UFRGS, deixou-nos, e então abriu uma lacuna, alguém precisava ocupar esse espaço. Foi assim que eu fui chamada pela coordenação do curso para dar aula de Linguística do Texto. Então, eu me pus a estudar Linguística do Texto. Eu estudei sozinha, porque, na verdade, eu não tive essa formação. Estudei sozinha. E depois, também, a mesma coordenadora me chamou e disse: “Olha, no ano que vem, você vai dar a disciplina de Análise de Discurso”. Então, eu não tinha a mínima ideia do que era isso. Nunca tinha estudado. Olha, me pus a estudar. Reservei um ano para estudar. Aí estudei e passei a dar a disciplina... Até certo ponto, porque depois eu passei para outra coisa, passei para as questões específicas da linguagem. Aí, aos poucos, eu fui conhecendo a teoria do professor Ducrot. Estudo, já há bastante tempo, a Teoria da Argumentação na Língua, a Semântica Linguística. Então, interessava-me muito ver como a linguagem produz sentidos. Como é que o sentido se constroi pela linguagem. Eu queria saber o que é linguagem. Como é a natureza da linguagem, como ela funciona. Como é que, com tão poucas palavras, eu posso dizer tanta coisa. Como eu consigo fazer poesia, por exemplo, com essa mesma linguagem do dia-a-dia e como esses sentidos se constroem. O que a linguagem tem que permite que essas coisas sejam feitas. Então, isso aí realmente me seduziu bastante. E eu tive que deixar a Análise de Discurso, passei para essa outra área porque a Análise de Discurso se ocupa bem menos da linguagem e bem mais da exterioridade. Eu queria era entrar para dentro da linguagem. Então eu deixei a Análise de Discurso e passei a me ocupar realmente da Semântica Linguística. Isso que eu queria: a Semântica Linguística.

Fragmentum: Voltando um pouquinho para a Análise de Discurso... A senhora foi a primeira professora e, para tanto, comentou que estudou sozinha durante um ano...

Barbisan: Sim.

Fragmentum: E quais eram as fontes, as referências de estudo? A partir de que parâmetros a senhora priorizou temas e conceitos para trabalhar a disciplina, já que ela era nova para a senhora?

Barbisan: Nova para mim. Quais fontes eu busquei? Não sei se eu consigo resgatar bem todo o meu trajeto, mas eu acho que eu encontrei na biblioteca um exemplar da *Revista Langages*, número 62, que era, é ainda, acho que ele ainda existe, a publicação da tese de Courtine, Jean-Jacques Courtine. A partir dali eu comecei a buscar as referências bibliográficas dele. Então, eu comecei a desenvolver por ali... Passei para Pêcheux, Pêcheux, vários livros do Pêcheux. Depois, entrei no marxismo, estudei bastante o marxismo. Acho que foi este caminho que segui. Depois, então, entrou Eni Orlandi, e eu passei a ler Eni Orlandi também. Mas, eu comecei realmente pelo Courtine. Foi a partir dele que eu segui para outros autores que ele próprio mencionava, foi este o meu trajeto.

Fragmentum: A senhora orientou muitas teses e dissertações até agora...

Barbisan: Eu tenho 68 anos...

Fragmentum: Algumas possuem como pressuposto teórico a Análise de Discurso de linha francesa, entre elas, as de Ana Zandwais, Araci Ernest Pereira, Terezinha Marlene Lopes Teixeira, professoras que atualmente continuam desenvolvendo trabalhos relacionados à AD. E, também, orientou outros pesquisadores que ainda apresentam estudos voltados ao discurso. Então, embora nem todas as orientações tenham por base a perspectiva da AD de linha francesa, muitos de tais pesquisadores ainda trabalham com discurso, mas sob outro enfoque ou outra perspectiva.

Barbisan: Sim.

Fragmentum: Então, como a senhora avalia o seu papel de orientadora e a sua influência nos trabalhos realizados com este aparato teórico, ou seja, com este aparato de questões discursivas?

Barbisan: Da AD?

Fragmentum: Da AD e também fora da AD, tanto para essas professoras que continuam na AD como para as outras que trabalham com

discurso, mas com outro enfoque... Qual seria o seu papel na trajetória da Análise de Discurso?

Barbisan: Bom, eu acho que depois que elas saíram das minhas mãos, eu não segui a trajetória da AD.

Fragmentum: Sim, mas a questão de pesquisa...

Barbisan: Como é que eu avalio a orientação que eu fiz? Eu acho que eu orientei dentro daquilo que eu conhecia, a partir desses autores, Pêcheux, principalmente Pêcheux, Eni Orlandi, um pouco no Brasil. Na verdade, a Análise de Discurso me parece que não é mais continuada na França. Ela ficou no Brasil, realmente. E eu acho que Eni Orlandi realmente é quem mais trabalha com a AD. Há outros, claro, também. Na Unicamp, há vários outros. Mas, como é que eu orientei? Eu orientei por aí, por este caminho.

Fragmentum: Mas a senhora continua participando de algumas bancas na UFRGS?

Barbisan: Em AD?

Fragmentum: Sim.

Barbisan: Não, me excluam..

Fragmentum: Mas por muito tempo a senhora continuou participando na UFRGS...

Barbisan: Sim, seguidamente eu tenho bancas, mas não especificamente em AD. Faz muito tempo que eu não trabalho mais com AD. E eu acho realmente que me puseram na geladeira, me excluam (risos). Eu não sei por que razão, talvez porque eu passei para outras coisas. Tem uma ex-aluna que me diz que eu sou traidora, porque eu a formei na área AD e agora eu estou fazendo outra coisa. Mas, é uma questão até de trajetória profissional, e também um interesse dos alunos, eles têm interesse também por outras coisas. A gente tem que procurar atender os interesses dos alunos, estamos aqui para isso. Então, inclusive de muitos que eu formei em AD, pelo menos uma que eu lembro agora, a Marlene, ela não está mais na AD, nem o Valdir, por exemplo, o Valdir Flores, da UFRGS. Eles estão trabalhando mais com a Psicanálise. Então, passaram para a Jaqueline Authier, e depois da Authier expandiram para outras coisas. O Valdir está trabalhando, por exemplo, com a

questão da Fonoaudiologia, e Fonoaudiologia relacionada à Psicanálise. A Marlene também, ela trabalha bastante com Bakhtin, que também é uma forma de discurso. No fundo, eu também trabalho com discurso, mas é outra abordagem, outra perspectiva.

Fragmentum: Um outro percurso?

Barbisan: É um outro percurso, exatamente. É, hoje em dia já não me chamam para a AD, não. Ninguém mais me chama. Foi um momento que passou.

Fragmentum: Mas é uma evolução, eu acredito. Os programas vão evoluindo, vão trocando, em um momento é AD, depois são tópicos da Análise de Discurso e depois se modifica completamente...

Barbisan: É, a gente vai seguindo o ritmo da vida. Ou a Universidade precisa de outras coisas, ou os alunos querem outras coisas, ou eu mesma, eu mesma também. Eu também me interesso por causa dos alunos. Eles me obrigam a me interessar por outras coisas, e eu também, é recíproco. Eu também, muitas vezes, conduzo os alunos e os orientandos para outras áreas, e eles acabam me seguindo, os coitados. Então, tem esse lado também. As coisas não são sempre iguais na vida. Nada é igual no dia seguinte.

Fragmentum: Bom, então poderíamos falar um pouco mais sobre sua produção acadêmica? A senhora consegue lembrar do seu primeiro trabalho publicado? Em que área foi, qual o tema?

Barbisan: Eu não me lembro, mas acho que foi sobre a minha tese. Ensino de língua portuguesa, ensino/aprendizagem do francês como língua estrangeira. Acho que foi a primeira, nem sei.

Fragmentum: Qual a publicação mais recente? Ou, quais as suas pesquisas mais recentes?

Barbisan: A última publicação acho que foi agora em março. Eu publiquei uma tradução de dois textos do Ducrot na *Letras de Hoje* e, antes, em junho. Também publiquei um artigo meu sobre o ensino da argumentação. Pesquisas? Eu já fiz tanta pesquisa... Ah, eu trabalhei na área da Sintaxe Funcional. Eu fiz pesquisas pela Sintaxe Funcional para o INEP, fiz várias pesquisas para o CNPq. Sou pesquisadora CNPq há um bom tempo, acho que uns 12, 13, 14 anos, não sei mais, perdi a conta. Também fiz pesquisas para a

FAPERGS, “subvencionado” pela FAPERGS. Eu estou velha, já fiz um caminho bem extenso.

Fragmentum: Voltando um pouquinho à questão própria do percurso, a senhora poderia falar do seu percurso teórico, do seu interesse por determinados autores de certa época e o movimento natural de releitura de todo pesquisador? E de que maneira esses autores afetaram a sua compreensão e a produção dos estudos linguísticos que a senhora tem realizado?

Barbisan: Bom, de uns dez anos para cá eu tenho trabalhado bastante com teorias estruturalistas, que são bem contrárias à AD, ou a AD é contrária ao estruturalismo. Mas, há conceitos fundamentais no estruturalismo que aqueles que trabalham com linguagem em uso não podem deixar de lado: a noção de relação e as noções de língua e fala. Essas noções são fundamentais. Então, eu tenho trabalhado um pouquinho com Saussure, mas Saussure como ponto de partida. Há muita coisa dita sobre Saussure, muita coisa já publicada, muito texto dele mesmo que está aparecendo agora, manuscritos, etc. Então, essa perspectiva da linguagem tem sido muito importante para o meu trabalho. O trabalho do Benveniste, as teorias enunciativas do Benveniste me interessam muito. A teoria do Bakhtin também se ocupa do discurso, mas é uma perspectiva mais social que me interessa. Marxista, mais social, mas de outro modo de ver a linguagem, diferente da AD. Ah... Ducrot, Ducrot é meu livro, os livros dele são meus livros de cabeceira. Eu tenho uma grande admiração pelo trabalho de Ducrot, é um grande linguista. Eu tenho tido contato com ele, sim, ele e a Carel, permanentemente. Em fevereiro ainda, estive lá assistindo aulas deles e, por sinal, agora, dia 29, eles estarão no Ceará, em Fortaleza, em um congresso, *Texto e Cultura*. Também, sobre as questões de texto, parece-me que são suíços, autores suíços do texto. O Halliday tem sido também uma leitura importante, foi, pelo menos. Eu descobri o Halliday no mestrado, fiquei encantada com o trabalho dele, acho que é uma teoria bem interessante, embora seja um outro modo de ver a linguagem, completamente diferente, não o que eu assumo agora, mas é uma teoria importante. Acho que é essencialmente esse percurso, Bakhtin, Benveniste e, atualmente, Saussure e Ducrot.

Fragmentum: Atualmente, qual a pesquisa que a senhora está desenvolvendo e como percebe a relação entre seu trabalho de pesquisa e as disciplinas que leciona na pós-graduação? Há, de fato, uma relação entre a pesquisa e a docência?

Barbisan: Toda a relação, toda a relação. O trabalho de pesquisa é levado para a sala de aula, tanto da pós-graduação como da graduação. Eu

tenho aula na graduação também. Atualmente, estou desenvolvendo uma pesquisa pelo CNPq sobre a construção do sentido no discurso. Eu tenho trabalhado com textos, com discursos, mas buscando o sentido, um sentido produzido por um locutor para um interlocutor, vendo de que modo a linguagem consegue... oferece recursos para que esse locutor produza esses sentidos no discurso. Então, estou estudando essas questões pelo Ducrot, a teoria da argumentação, e eu levo isso para a pós-graduação. Sim, toda a pesquisa desenvolvida, nessa pesquisa CNPq, é levada para a pós-graduação e também para a graduação, de modo adequado, claro. Eu estou transpondo, estou intermediando uma passagem, mas eu tenho trabalhado também com essa teoria na graduação, no terceiro semestre. E, então, esse trabalho que eu faço com a teoria de Ducrot – não só essa pesquisa CNPq – integra também uma pesquisa com os alunos de mestrado e doutorado. Eu tenho dez orientandos. Então esses orientandos participam de reuniões semanais, nós elaboramos projetos, um projeto a cada ano ou a cada dois anos - o pessoal do mestrado tem dois anos, embora os do doutorado continuem. A cada dois anos, a gente conclui um trabalho, um projeto também nessa perspectiva, na perspectiva da argumentação. Eu tenho estudado muito isso agora. Uma teoria bastante complexa, bastante complexa, que a gente vai descobrindo aos poucos, mas que é muito gratificante... É isso.

Fragmentum: Como a senhora resumiria seu trabalho de docência e pesquisa na PUCRS? Com que olhar a senhora avalia o seu papel no desenvolvimento dos estudos linguísticos no Rio Grande do Sul? Afinal, é um papel importante! Quantos orientandos...

Barbisan: É, eu já formei muita gente. Eu tenho 68 formados, tenho mais quatro saindo agora em janeiro. Claro, eu já formei muita gente, eu sou velha. Eu já orientei muita gente. Gente que está aqui no Rio Grande do Sul, gente que está no Brasil afóra, até no Nordeste, agora, qual o papel que eu tenho na linguística no Rio Grande do Sul? Eu não tenho nenhum, não tenho papel nenhum. Eu tenho formado... o meu trabalho, o meu trabalho é muito mais de formação de alunos, de futuros pesquisadores; muito mais de pesquisa do que propriamente de publicação. Eu acho que eu trabalho muito pouco com público. Eu, realmente, me interesso, tenho muito interesse pela pesquisa com os alunos. Eu gosto de trabalhar com os alunos. Alunos da pós-graduação. A graduação não me entusiasma muito. O pessoal do terceiro semestre ainda não sabe bem a que veio. Mas o pessoal da pós-graduação, realmente, eu gosto muito. Eu tenho um grupo muito bom, e a gente estuda junto, a gente cresce junto e é uma coisa muito gratificante. Agora, qual é o meu lugar aí? Eu não tenho lugar nenhum, eu sou uma professora que forma gente, como todo mundo forma gente.

Fragmentum: Mas, considerando a quantidade de pesquisadores... A senhora forma professores que já estão em outras universidades e que, agora, formam outros...

Barbisan: Com certeza. É, e talvez nem estejam formando outros com aquilo que eu ensinei para eles. Talvez não, porque eu saí do doutorado, vim para cá e nunca trabalhei com aquilo que eu fiz na tese. No entanto, eu fui formada. Assim, também, os meus alunos são poucos, foram seis, também não acompanhei bem o trabalho deles, só daqueles que estão mais perto. Tem gente no Nordeste, tem gente em vários lugares. Tem Belém do Pará, em João Pessoa, sei lá, em toda parte, em São Paulo. Mas, não quer dizer que se eu formei *assim* eles continuarão *assim*. Assim como eu mudei de rumo, eles também devem ter mudado. Mas não sei qual é o meu papel.

Fragmentum: Foi difícil...

Barbisan: É, muito difícil.

Fragmentum: Agora que a senhora já falou de suas pesquisas, pode comentar sobre quais são os seus objetivos para o futuro?

Barbisan: O meu futuro é bem próximo. Não sei, não sei até quanto tempo eu vou trabalhar, eu já posso me aposentar, não me aposentei ainda de sem-vergonha... Eu gosto muito do meu trabalho, eu gosto de estar aqui, gosto dos meus alunos, gosto da pesquisa. E eu acho que a teoria da argumentação pode levar alguma coisa para a sala de aula, para o ensino, porque o ensino, a leitura de um texto está tão ruim nas salas de aula... 76% das pessoas que são alfabetizadas no Brasil não sabem, não entendem o que lêem. E a teoria da argumentação tem condições de melhorar essa situação. Então eu ainda estou aqui porque eu ainda acredito nisso. Eu acho que a gente pode levar alguma coisa para a sala de aula. Eu acho que a Semântica ainda serve para alguma coisa. Nós ministramos um curso, agora há pouco, eu e os meus alunos de pós-graduação, de mestrado e doutorado, nós ministramos um curso para professores das escolas de fora da PUCRS, e agora os alunos resolveram fazer um livro sobre isso. Então a gente está fazendo o projeto de um livro para escrever essas coisas para o ensino...

Fragmentum: Voltadas para o ensino....

Barbisan: Voltadas para o ensino, principalmente da graduação. É formação de professor que nos interessa, é formação de professor porque nós acreditamos que o professor sai da Faculdade de Letras ainda não formado

para a leitura de textos, e que pode sair bem formado para a gramática, para o ensino da literatura. O que a gente tem percebido, pelas pesquisas, nos congressos aonde vamos, sobre essa questão da leitura do texto, é que o professor ainda não sabe como fazer para ensinar o aluno a ler, ler o texto. É por isso que essa teoria me interessa, porque ela vai ver como os sentidos se constroem dentro do texto, e é por isso que eu a levo para a sala de aula. Eu levo isso para a sala de aula da pós-graduação, eu levo isso para a sala de aula da graduação, os meus alunos do terceiro semestre estão trabalhando com argumentação. (risos). Não, eu acho que isso é uma teoria... Estou brincando, é claro, mas é uma teoria que tem recursos.

Entrevista realizada em outubro de 2008, em Porto Alegre/RS.